

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Atribuição de prenomes entre afro-brasileiros como forma de individualização
numa freguesia do Sul do Brasil**

Sérgio Luiz Ferreira*

Resumo: O presente trabalho é parte da minha tese do doutoramento em História que foi defendida em 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Procurei fazer uma história cultural a partir dos dados demográficos da freguesia de Nossa Senhora das Necessidades (atual Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis, SC). A população desta freguesia foi constituída basicamente por açorianos e africanos. Apliquei, na medida do possível, esta metodologia também para os escravos. Pude perceber que entre os escravos e seus descendentes há uma variedade de prenomes muito maior do que entre a população livre. Há muitos casos de nomes que foram atribuídos a uma única pessoa durante o período pesquisado. Dessa forma o prenome adquiriu uma força maior do que o sobrenome para muitas famílias, a ponto de muitos desses prenomes se tornarem sobrenomes.

Palavras-chaves: africanos, nomes, demografia.

Abstract: The current research is part of my dissertation to doctorate in History that was defended in 2006 in the Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. I looked for to make a cultural history from the demographic data of the clientele of Nossa Senhora das Necessidades (current Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis, SC). The population of this clientele was basically constituted by azoreans and Africans. I applied, in the measure of the possible one, this methodology also for the slaves. I could perceive that it enters the slaves and it descendants have a very bigger variety of first names of the one than between the free population. It has many cases of names that had been attributed to an only person during the searched period. Of this form de first name acquired a bigger force of the one than the last name for many families, the point of many of these first names if to come last names.

Key Words: Africans, names, demographic.

Uma das evidências do processo de abasileiramento da população da freguesia das Necessidades pode ser constatada na utilização dos prenomes de batismo. Para a população livre estabeleci três cortes para a análise. O primeiro período vai de 1780 a 1825, o segundo de 1826 a 1889 e o terceiro de 1890 a 1922. O primeiro corte coincide, mais ou menos, com o designado período colonial brasileiro e na freguesia seu início se dá com o livro de batismo mais antigo ainda existente e o final com a saída do seu primeiro vigário nativo, Padre Lourenço Rodrigues de Andrade. O segundo corte coincide com a fase do Império brasileiro. O terceiro começa no ano do estabelecimento do casamento civil e termina no ano da morte do Cônego Serpa, último vigário residente na freguesia.

* Doutor em História, professor do Centro Universitário Municipal de São José, SC.

Mulheres			Homens		
Nomes	No. Absolutos	Porcentagem	Nomes	No. Absolutos	Porcentagem
1. Maria	476	22,9%	1. Manoel	343	15,85%
2. Ana	234	11,2%	2. José	279	12,89%
3. Luiza	94	4,5%	3. João	250	11,55%
4. Joaquina	72	3,4%	4. Antônio	165	7,62%
5. Rita	61	2,9%	5. Francisco	125	5,77%
Subtotal	937	45%	Subtotal	1.162	53,72%
6. Ignácia	52	2,5%	6. Joaquim	83	3,83%
7. Rosa	41	1,9%	7. Luiz	64	2,95%
8. Alexandrina	39	1,87%	8. Alexandre	47	2,17%
9. Jacinta	37	1,78%	9. Jacinto	40	1,84%
10. Francisca	35	1,68%	10. Ignácio	37	1,71%
Subtotal	1.141	54,9%	Subtotal	1.433	66,25%
Outros nomes	937	45,1%	Outros nomes	730	33,74%
Total	2.078	100%	Total	2.163	100%

Tabela 1: Prenomes mais comuns (1780-1825).População Livre

Fonte: Fichas de família 1 a 1.122, baseadas nos livros de batismo 1 a 5. AHESC

No primeiro período (1780-1825) para um universo de 2.078 mulheres tivemos 303 nomes diferentes, isto significa 6,8 pessoas por nome. Entre os 2.163 homens tivemos 278 nomes diversos, isto significa 7,7 pessoas por nome.

Entre o início da observação e o final perceberemos um aumento significativo da diversidade de prenomes, praticamente o dobro.

No primeiro período percebemos um comportamento muito parecido com o observado em Portugal, especialmente nos Açores. Adiante, faremos uma comparação com os dados pesquisados pela professora Maria Norberta Amorim sobre a freguesia de São João, na Ilha do Pico, Açores.

Entre os homens, Manoel apesar de ser o nome mais comum, não reina tão absoluto quanto Maria entre as mulheres. João e José, sempre muitos próximos, não ficam muito atrás. No quarto e quinto lugar, Antônio e Francisco se revezam.

Em Portugal os nomes variam muito menos. Só para fazer uma comparação observemos a tabela abaixo, feita pela professora Maria Norberta Amorim, sobre os nomes mais utilizados na freguesia de São João da Ilha do Pico, Açores.

1700-1749				1750-1799				1800-1849				1850-1899			
Ordem	Nomes	Nº	%	Ordem	Nomes	Nº	%	Ordem	Nomes	Nº	%	Ordem	Nomes	Nº	%
1	Manuel	162	28	1	Manuel	196	27	1	Manuel	314	36	1	Manuel	227	35
2	António	95	17	2	José	176	24	2	José	176	20	2	António	98	15
3	José	90	16	3	António	122	17	3	António	125	14	3	José	98	15
4	João	56	10	4	Francisco	94	13	4	João	114	13	4	João	96	15
5	Francisco	52	9	5	João	56	8	5	Francisco	100	11	5	Francisco	67	10
Total		455	80	Total		644	89	Total		829	94	Total		586	90
Outros nomes		115	20	Outros nomes		83	11	Outros nomes		55	6	Outros nomes		62	10
Total Geral		570	100	Total Geral		727	100	Total Geral		884	100	Total Geral		648	100

Tabela 2: Os cinco nomes próprios masculinos mais escolhidos em São João – Ilha do Pico. Fonte: AMORIM, 2003:.. 2-3

Os cinco nomes mais escolhidos serão os mesmos em São João e em Santo António.

Veremos que ao longo de duzentos anos os nomes de Manuel, António, José, João e Francisco foram os mais comuns em São João, com Manuel sempre na primeira posição, da mesma forma que em Santo António.

Em São João o nome de António foi, logo a seguir, o mais popular no primeiro período e no último e o de José foi mais apreciado ente 1750 e 1849. Já em Santo António, António foi o quarto no primeiro período e quinto no segundo e terceiro período.

Já José tem uma preferência parecida em Santo António e em São João. Na freguesia açoriana foi o segundo no primeiro período e terceiro nos dois outros períodos, em Santo António ele fica em segundo lugar no primeiro período e segundo nos dois outros períodos, mas com números muitos próximos de João.

Em São João, João, que ocupava a quarta posição na primeira metade do século XVIII, desceu para quinta posição no meio século seguinte trocando com o nome de Francisco. Em Santo António, João ocupará a terceira posição no primeiro momento, passando para segundo nos outros períodos. No século XIX a popularidade do nome de João volta a subir, situando-se sempre o nome de Francisco como quinta escolha. Em Santo António, Francisco também será o quinto escolhido no primeiro período, subindo para quarto nos outros períodos.

A grande diferença entre Santo António e São João está no fato de que, na freguesia açoriana, esses cinco nomes mais comuns cobriam 80% das opções na primeira metade do século XVIII, passando no período seguinte para 89%, para atingir na primeira metade do século XIX os 94%. Na segunda metade desse século dá-se uma redução para 90%. Enquanto na vila açoriana houve a tendência à concentração da maioria absoluta da população

masculina em cinco nomes, em Santo Antônio se dará o inverso. Se no primeiro período (1780-1825) 53,72% dos homens usavam os cinco nomes mais comuns, entre 1890 e 1922 este número cairá para 31,73%. Aqui temos uma diferença significativa entre o hábito daquela freguesia dos Açores e desta do Sul do Brasil.

Se entre os cinco nomes masculinos mais utilizados tivemos exatamente os mesmos nomes nas duas freguesias, entre os nomes femininos isto não se dará.

1700-1749				1750-1799				1800-1849				1850-1899			
Ordem	Nomes	Nº	%	Ordem	Nomes	Nº	%	Ordem	Nomes	Nº	%	Ordem	Nomes	Nº	%
1	Maria	160	37	1	Maria	223	37	1	Maria	329	42	1	Maria	326	51
2	Teresa	37	8	2	Antônia	57	10	2	Francisca	52	7	2	Francisca	36	6
3	Isabel	31	7	3	Josefa	46	8	3	Josefa	48	6	3	Isabel	35	6
4	Josefa	29	7	4	Ana	40	7	4	Isabel	43	5	4	Ana	18	3
5	Águeda	28	6	5	Isabel	33	6	5	Ana	40	5	5	Josefa	15	2
Total		285	65	Total		399	67	Total		512	65	Total		430	68
Outros nomes		153	35	Outros nomes		198	33	Outros nomes		274	36	Outros nomes		205	32
Total Geral		438	100	Total Geral		597	100	Total Geral		786	100	Total Geral		635	100

Tabela 3: Os cinco nomes próprios femininos mais escolhidos em São João, Açores. Fonte: AMORIM, 2003.: 2-3

No que respeita às crianças do sexo feminino nascidas dentro do casamento em São João, o nome de Maria, que no século XVIII ocupava 37% das opções, subiu na primeira metade do século seguinte para 42%, atingindo 51% entre 1850 e 1899. Semelhante lugar ocupa este nome em Santo Antônio, apenas com índices menores.

Em São João, Teresa ocupará o segundo lugar na primeira metade do século XVIII, e depois perde a popularidade. Já em Santo Antônio este nome ocupa um lugar insignificante. Antônia será o segundo nome na segunda metade do século XVIII em São João e quase não aparece em Santo Antônio. Francisca ocupará em São João o segundo lugar durante todo o século XIX, da mesma forma isso acontecerá em Santo Antônio, sendo que este nome ocupava a décima colocação do século XVIII. Isabel e Josefa que se revezam no terceiro e quarto lugar em São João foram poucos utilizados em Santo Antônio.

Em Santo Antônio haverá uma variação de nomes, com Ana ocupando o segundo lugar no século XVIII, o terceiro no segundo período (1826-1889) e praticamente desaparecendo no terceiro período. Teremos aqui entre os cinco primeiros ainda Luiza, Joaquina, Rita, Rosa, Benta e Rosalina.

Reparamos em São João que entre os cinco primeiros nomes femininos mais escolhidos, apesar da preferência por Maria ser superior à preferência por Manuel, ocupam entre 65 e 68% das opções, deixando maior margem para outros nomes.

Segundo a professora Maria Norberta Amorim, a percentagem elevada de crianças a quem foi posto o nome de Maria tem a ver com o hábito que se foi arraigando da primeira filha ser Maria e, para finais do século XIX, tornar-se freqüente várias filhas de uma mesma família serem batizadas com o nome de Maria, com um sobrenome identificativo aplicado depois, mas não registrado no batismo (AMORIM, 2003: 2-3).

De fato, enquanto em São João no século XVIII somente 37% das escolhas de nome para a primeira filha nascida recaía sobre Maria, na primeira metade do século XIX a percentagem sobe para 42%, chegando aos 51% na segunda metade do século XIX. Os outros quatro nomes mais escolhidos não o foram especialmente para a primeira filha nascida. O percentual de cada um dos nomes no primeiro período somam números bastante reduzidos.

Mulheres			Homens		
Nomes	No. Absolutos	Porcentagem	Nomes	No. Absolutos	Porcentagem
1. Maria	875	35,65%	1. Manoel	485	18,29%
2. Francisca	134	5,46%	2. João	314	11,84%
3. Ana	100	4,0%	3. José	301	11,35%
4. Rita	70	2,85%	4. Francisco	187	7,05%
5. Rosa	50	2,0%	5. Antônio	96	3,62%
Subtotal	1.229	50,08%	Subtotal	1.383	52,16%
6. Luiza	48	1,95%	6. Pedro	83	3,13%
7. Leopoldina	42	1,71%	7. Joaquim	73	2,75%
8. Alexandrina	36	1,46%	8. Luiz	66	2,48%
9. Júlia	35	1,42%	9. Cândido	27	1,01%
10. Cândida	27	1,1%	10. Domingos	24	0,90%
Subtotal	1.417	57,74%	Subtotal	1.656	62,46%
Outros nomes	1.037	42,25%	Outros nomes	995	37,53%
Total	2.454	100%	Total	2.651	100%

Tabela 4: Prenomes mais comuns (1826-1889).População Livre
Fonte: Fichas de família 1.123 a 3.325, baseadas nos livros de batismo 5 a 14. AHESC

Em Santo Antônio no segundo período (1826-1889) entre 2.454 mulheres tivemos 521 nomes diferentes, isto significa 4,7 pessoas por nome. Entre os 2.651 homens tivemos 522 nomes, ou 5 pessoas por nome.

No segundo período chama a atenção a passagem do nome Francisca de décimo para segundo lugar. Seria por causa da princesa imperial, Dona Francisca Carolina, filha de

Dom Pedro I? Também é interessante a utilização do nome Leopoldina. No primeiro período é um número insignificante, apenas 8. No segundo período pula para 42, ficando em sétimo lugar. Dona Leopoldina foi a primeira imperatriz do Brasil. Aliás, as mulheres de nome Leopoldina, geralmente eram conhecidas como Pudica. Já quem tinha o nome de Cândida era chamada de Candoca ou Cainda. Neste período também o nome Maria alcançará seu índice maior, 35,65%. Em compensação, os outros nomes terão percentagens bem baixas.

No segundo período chama a atenção a utilização do nome Pedro. Enquanto no período anterior ocupava a 12ª. posição, nos dois períodos seguintes ocupará a 6ª. posição. Seriam homenagens aos imperadores Pedro I e Pedro II?

Mulheres			Homens		
Nomes	No. Absolutos	Porcentagem	Nomes	No. Absolutos	Porcentagem
1. Maria	570	27,46%	1. Manoel	265	11,96%
2. Francisca	53	2,55%	2. João	186	8,39%
3. Rosa	38	1,83%	3. José	181	8,17%
4. Benta	24	1,15%	4. Francisco	71	3,20%
5. Rosalina	23	1,10%	5. Antônio	70	3,16%
Subtotal	708	34,12%	Subtotal	773	34,89%
6. Rita	22	1,06%	6. Pedro	45	2,03%
7. Geraldina	20	0,96%	7. Domingos	33	1,48%
8. Almerinda	18	0,86%	8. Luiz	21	0,94%
8. Catharina	18	0,86%	9. Miguel	17	0,76%
8. Cecília	18	0,86%	10. Álvaro	16	0,72%
8. Durvalina	18	0,86%			
8. Júlia	18	0,86%			
Subtotal	840	40,48%	Subtotal	905	40,85%
Outros nomes	1.235	59,52%	Outros nomes	1310	59,14%
Total	2.075	100%	Total	2.215	100%

Tabela 5 - Prenomes mais comuns (1890-1922).População Livre

Fonte: Fichas de família 3.326 a 4891, baseadas nos livros de batismo 14 a 23. AHESC

No terceiro período (1890-1922) teremos 2.075 mulheres registradas com 587 tipos de nomes, isto dá 3,5 mulheres por nome. Entre os 2.215 homens teremos 667 nomes diversos, o que significa 3,3 pessoas por nome. Neste período, apesar da manutenção absoluta do nome Maria, haverá uma pulverização dos outros nomes. Os cinco nomes mais comuns que no segundo período somam 50,08% do total caem para apenas 34,12%.

Chama atenção no terceiro período também o nome Benta que se torna o quarto mais comum (24 mulheres). No primeiro período não houve uma Benta sequer e apenas 5 no segundo período. Há uma tradição popular que diz que quando uma mulher tem muitas filhas

deve colocar o nome de Benta na última para que o próximo seja um homem. Da mesma forma, quando se têm muitos filhos homens, deve-se colocar o nome de Bento para que nasça uma mulher. Seria isso mais um indício do abasileiramento desta população?

Da mesma forma, que entre as mulheres, os cinco primeiros nomes masculinos que, no primeiro período chegavam a 53,72% e no segundo eram de 52,16%, no terceiro período caem para 34,89%. Índice parecido com o encontrado entre os nomes femininos.

O que chama a atenção são os nomes que surgem a partir da proclamação da República. Hercílio, por exemplo, teremos 9 nesta época, todos nascidos depois que Hercílio Pedro da Luz foi governador do Estado. Aristides também surgem após a República, seria por causa do republicano Aristides Lobo? Até um Deodoro aparece nesta época.

Se de início tínhamos o hábito da colocação de nomes tradicionais portugueses, aos poucos e, sobretudo no derradeiro período, veremos a introdução de nomes estrangeiros, nomes surgidos da fusão de outros nomes, nomes inventados e nomes de santos retirados dos almanaques. Entre os nomes estrangeiros, surge até um Mozart e um Lafayette. Também data desta época a utilização de nomes indígenas, como Ypiranga, Jacy, Iracy, Irany, até um com o nome de Índio. Aliás, os almanaques se tornam nessa época a principal fonte dos prenomes.

Para a população escrava não pude fazer um levantamento num período tão longo quanto pude fazer em relação à população livre. Os nomes dos escravos da freguesia foram “garimpados” em livros de batismo, casamento, óbitos e de compra e venda de escravos.

Mulheres			Homens		
Nomes	No. Absolutos	Porcentagem	Nomes	No. Absolutos	Porcentagem
1. Maria	57	18,68%	1. Manoel	31	8,83%
2. Francisca	12	3,93%	2. João	31	8,83%
3. Jacinta	09	2,95%	3. José	24	6,83%
4. Joana	08	2,62%	4. Antônio	19	5,41%
5. Felipa	07	2,29%	5. Joaquim	15	4,27%
Subtotal	93	30,49%	Subtotal	120	34,18%
6. Luísa	07	2,29%	6. Francisco	12	3,41%
7. Rosa	06	1,96%	7. Miguel	11	3,13%
8. Custódia	05	1,63%	8. Domingos	11	3,13%
9. Thereza	04	1,31%	9. Adão	07	1,99%
			10. Luiz	07	1,99%
Subtotal	115	37,70%	Subtotal	168	47,86%
Outros nomes	190	62,29%	Outros nomes	183	52,13%
Total	305	100%		351	100%

Tabela 6 - Nomes de escravos Batizados e falecidos na freguesia

Fonte: Livros de batismo 1 a 14, livros de batismos de escravos 1 e 2, livros de óbito 1 a 7

Na tabela acima é possível perceber uma variedade de nomes de escravos bem superior à da população livre. Talvez, pelo fato de não se ter sobrenome, a diferenciação se fazia pela escolha de um prenome diferente. Teremos inúmeros casos de nomes únicos. Por exemplo: Afra, Aniceta, Asthério, Arthêmia, Balduína, Bertoldo, Braslina, Felisberta, Guida, Hilênio, Isaulina, Liberato, Libério, Lucídia, Lucidônio, Mergelena, Rochana, Zebina e Zótica. Entre os chamados “pretos de nação”, ou seja os africanos, teremos sempre os nomes portugueses mais comuns: Manoel, João, José, Francisco e Antônio.

Os nomes femininos mais comuns entre a população livre da freguesia durante o período 1826-1889 são Maria, Francisca, Ana, Rita e Rosa num total de 50,08% dos nomes femininos. Já entre a população cativa na segunda metade do século XIX, os nomes de mulher mais comuns serão Maria, Francisca, Jacinta, Joana e Felipa num total de apenas 30,49% do total de nomes femininos; ou seja, a maioria terá nomes diferentes. Sendo que 62,29% das mulheres têm nomes que não estão entre os dez mais usados.

Entre os homens cativos teremos praticamente os mesmos nomes entre os cinco mais usados, apenas se invertendo algumas posições. Entre os livres a posição é Manoel, João, José, Francisco e Antônio. Entre os cativos os cinco nomes mais comuns são Manoel, João, José, Antônio e Joaquim. Se entre os livres os cinco nomes mais comuns respondem por 52,16% dos nomes masculinos, entre os cativos este número cai para 34,18%.

O mapa da população da freguesia de Santo Antônio, em 1859, enviado ao Delegado de Polícia da Província de Santa Catarina pelo subdelegado suplente, Major José Pereira Serpa, apresentava os seguintes dados: 537 fogos. Homens: livres: 592 solteiros; 404 casados; 86 viúvos; total, 1082. Libertos: 32 solteiros; 09 casados e nenhum viúvo. Escravos: 282 solteiros; 02 casados e nenhum viúvo. Total de homens livres e escravos: 1407. As mulheres eram: Livres: 721 solteiras, 404 casadas, 159 viúvas, total 1284. Libertas: 48 solteiras, 09 casadas, nenhuma viúva, total 57. Escravas: 206 solteiras, 02 casadas e nenhuma viúva, total: 208. Total de mulheres livres e escravas: 1549. Total de homens e mulheres: 3056.

É bem verdade que o subregistro também é bastante grande, de modo que nem sempre é especificado no assento a condição do indivíduo.

Cerca de 20% da população da freguesia era constituída por afrodescendentes. Em 1854, por exemplo, 18,26% da população era constituída por escravos e 3,1% por pardos e pretos libertos. Entre os escravos, a população masculina será sempre maior. Em 1854, os homens escravos eram 21,69% da população total e 15% da população era constituída por

mulheres escravas. Entre os libertos essa proporção se altera e as mulheres passam a ser em maior número. Em termos absolutos, temos 45 homens para 51 mulheres libertas. Uma década depois (1864) a população escrava será de 16,1% da população total. A população liberta será de 4,35% da população. Ou seja, continua a proporção de um afrodescendente para cada cinco habitantes da freguesia.

Em resumo podemos concluir que entre os descendentes de açorianos a diversificação dos prenomes foi uma das características do abasileiramento desta população. Enquanto nos Açores, ao longo do século XIX, a tendência foi a concentração de prenomes, em Santo Antônio a diversificação se acentuou tanto entre a população livre quanto entre a população cativa. A utilização de prenomes diferenciados será uma prática entre os populares tanto de ascendência açoriana quanto de ascendência africana. Sobretudo entre os afrodescendentes, que não tinha sobrenome, o prenome tornou-se um instrumento importante de diferenciação em relação às outras pessoas. Os escravos africanos, de modo geral batizados ao chegar ao Brasil, recebiam os nomes comuns portugueses, já entre os escravos crioulos encontraremos uma diversificação grande de nomes que parece apontar para uma tentativa de individualização, de atribuição de nomes únicos para diferenciação em relação a outros indivíduos.

Fontes

1. Livros de batismo, casamento e óbitos de Santo Antônio de Lisboa - AHESC – Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina.
2. Ofícios do chefe da polícia ao presidente da província. Catálogo seletivo referente à escravidão. Caixa 24. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, Maria Norbeta. Falando de demografia histórica In: **Boletim Informativo No. 33/34** – setembro/outubro de 2003 do Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.)
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina. Florianópolis, IOESC, s.d. (Separata da revista **Cultura política do Rio de Janeiro**, n. 7, set. 1941).
- FREITAS, Patrícia de. **Margem da palavra, silêncio do número**: o negro na historiografia de Santa Catarina. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado). Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. Sistemas demográficos no Brasil do século XIX. In **População e Sociedade: Evolução das sociedades pré industriais**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 201
- PANDINI, Carmen Maria Cipriani. **Linguagens de vida**: a circulação de almanaques no campo (1930-1960). 2003. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina.